



Stadium

N.º 385 * 19-ABRIL-1950 * 2\$50



BENFICA 2 - SPORTING 3 no Estádio Nacional — Logo no começo, Júlio é carregado pelo defesa Passos e estende-se na relva com aparato. O árbitro não hesita e marca a grande penalidade. Rogério, num pontapé fácil e colocado, aproveita a oportunidade para fazer o primeiro golo do Benfica

PONTOS DE DÚVIDA GERADOS PELA 23ª JORNADA

DEIXAMOS já para trás os importantes encontros da Taça Julio Rimet e quase já esquecidos, para se regressar ao Campeonato Nacional tão da nossa simpatia. Pela sua projecção, os desafios internacionais dominam tudo. Mas é incontroverso que os desafios internos de competição nos fazem estremecer de ansiedade e a emoção é profunda.

Joga-se num campo e insensivelmente pensa-se no outro. Porque todos os desafios de uma jornada se ligam e conjugam, a tal ponto que o que se passa num lado tem repercussão nos outros. Cada adepto vive, no fundo, o seu problema. Uns clubes querem subir, mesmo quando a ponte de passagem foi destruída. Outros não lhe interessa a subida, mas o seu desejo consiste apenas em não descer. A medida que a prova decorre, o laço aperta-se na garganta de alguns — mas todos aguardam o milagre.

Os resultados da 23.ª jornada encerram a marca da curiosidade. Eles podiam liquidar desde já a *questão principal*, mas a verdade é que teimam em deixar um raio de luz para o «segundão». Por outro lado, o clube que ganhou os pontos em bom tempo, sofreu ainda um forte estremeção no Vale do Jamor. Decerto, o título não poderá fugir-lhe, tal a vantagem conquistada, mas há lugar para dúvidas, e estas trazem sempre apreensões e sofrimentos.

Passando por cima dos *postos intermédios*, talvez os menos interessantes para se dizer alguma coisa deles, sente-se no fim da Tabela uma especial vibração. Se o lugar do último parece ter carapuça, a questão dos dois degraus acima, problema bicudo e muito importante, está ainda por resolver. Estoril, Elvas, Guimarães e Braga travam uma luta de aspectos dramáticos. Mesmo Setúbal não está afastada da conjectura. Aconselhamos os adversários destes clubes a terem o máximo das cautelas ao defrontá-los. Homem perdido não quer conselhos, e a luta pela Vida duplica as forças.

Se o problema do 1.º, apesar da dúvida que fez a sua aparição, no passado domingo no Vale do Jamor, se pode considerar solucionado, assim como a atribuição do 2.º lugar — no Brasil chama-se a este posto sub-campeão — a questão para o 3.º está cada vez mais viva. Atlético não quer ceder o passo, e o seu futuro é de um jogo em casa e de duas deslocacões. O Belenenses segue-lhe o rasto, cada vez mais robusto. A lesão de Sério, um dos campeões da adversidade e do azar, não lhe quebranta o ânimo. O Belenenses, no papel, tem mais vantagens, pois conta dois jogos nas Salésias e um fora. Na bola, evidentemente, tudo é possível. Mas este pormenor — jogos em casa e no «estranheiro» — deve ter-se em conta ao observar-se a rija e valorosa luta que os dois clubes vizinhos, quase se tocam, pois a fronteira esfuma-se nos dois bairros e não está bem definida, está a travar com igual esforço e energia.

Os resultados que se verificaram foram os seguintes:

Benfica 2 — Sporting 3, Atlético 4 — Porto 1, Belenenses 2 — Setúbal 1, Elvas 6 — Lusitano 1, Braga 3 — Covilhã 1, Olhanense 1 — Guimarães 1, e Académica 1 — Estoril 1.

Exceptuando o caso de Elvas, que representa a condenação definitiva do Lusitano, os números são equilibrados e traduzem a forma como todos os concorrentes estão a lutar. A dificuldade cresce a todo o momento e cada vez os desafios são mais difíceis. Cheira a suor numa área relativamente larga. Entre os resultados surgem-nos coisas estranhas: a forma como o Porto navegou nas águas da Tapadinha; os empates de Olhão e de Coimbra constituindo autênticos triunfos para as equipas visitantes, Guimarães e Estoril.

Quando a característica da jornada é a que enunciamos, não deve estranhar-se a falta de *jogo de qualidade*; este só existe, normalmente, quando os nervos estão socegados e o perigo não é eminente ou de gravíssimo dano. Em todo o caso, é de anotar a maneira como o Atlético se desembaraçou dos portuenses, impondo-lhes futebol de ataque. O F. C. P. viu-se reduzido, em largo trecho, a jogar na defensiva. Nas Salésias, a luta decorreu com vivacidade e o Vitória de Setúbal só tirou as mãos de cima do resultado no último apito.

Braga conseguiu levar a melhor contra Covilhã que, aliás, nunca renunciou à luta. Guimarães comportou-se excelentemente, obrigando os algarvios a cuidar da defesa e não lhes dando grandes largas no ataque. De resto, coagir uma equipa a sentir o perigo já representa grande mérito. Tudo indica que o Estoril tenha sido muito feliz na sua viagem ao estádio municipal de Coimbra. Os estudantes dominaram territorialmente, dum modo geral, mas a fraca actuação dos seus interiores, e daqui se podia irradiar para toda a linha atacante, justifica o empate. Boa sorte eles tiveram em dispor de uma parrelha média que sabe o que faz, jogando por igual à defesa e ao ataque.

O desafio do Jamor atraiu as atenções gerais. O prestígio destas partidas é infinito. Mesmo quando não está em causa uma hipótese perigosa, como desta vez, o encontro salva-se sempre pela velha rivalidade que as duas camadas associativas cultivam.

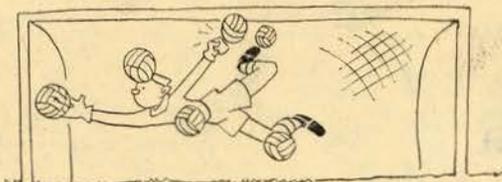
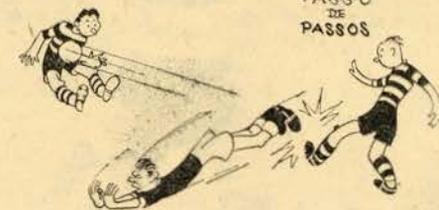
O Benfica deu uma impressão acentuada de cansaço, que tanto pode ser ocasional como um estado de equipa que levará tempo a sanar. O que constitui as grandes armas benficas, força de vontade e rálé, não se viu. A antecipação teve sempre o sinal sportinguiستا, e foi este que impôs o seu querer.

No período da meia-hora de começo, as forças ainda se afrontaram no mesmo nível: jogada num e noutro lado, indecisão acerca de quem tomaria decisiva e definitivamente o comando das operações. Depois o Sporting tomou a cabeça e desde esse momento em diante a sua vantagem não sofre contestação. Fazendo sempre jogo de ataque desa-

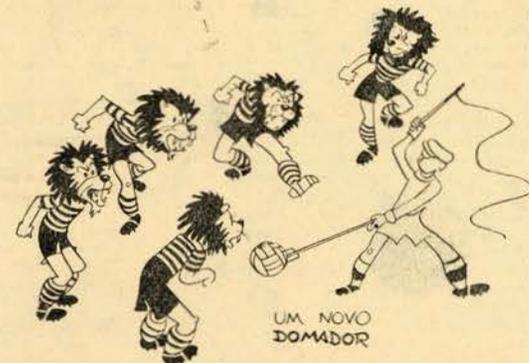
BENFICA SPORTING

LOGO DE ENTRADA
CANÁRIO JÁ SENDO
CAÇADO

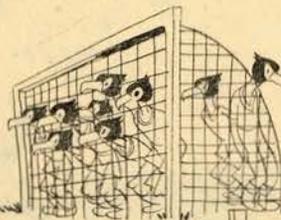
UM MAU
PASSO
DE
PASSOS



BASTA, BASTA... BASTOS



UM NOVO
DOMADOR



...E AS ÁGUAS
FORAM
ENGAIOLADAS

O FUNERAL
NÃO SE REALIZOU
PORQUE O MORTO
RESSUSCITOU

FERNANDO
DEATO

pareceram as deficiências da defesa, e o grupo actuou como um bloco, jogando rasteiro, pouco rectilíneamente, é certo, mas impondo-se pelo conjunto. E não vá julgar-se que este processo fez desaparecer as individualidades. Um bom jogador não deixa de o ser, lá porque joga com os seus companheiros. Se faz futebol isolado continuará a ser um bom jogador, mas nessa hipótese pode dar-se-lhe o nome de egoísta. E cada vez se impõe mais a solidariedade no rectângulo da bola.

OS 58 ANOS

do Clube Naval de Lisboa

A passagem do 58.º aniversário do prestigioso Clube Naval de Lisboa, dando lugar a uma série de comemorações de esplêndido modo assinalando a data festiva, teve o condão de nos revelar o entusiástico trabalho de recuperação de actividades de que o clube sempre deu mostras. A vida dos clubes náuticos, cuja acção e fins em vista constituíam campanha admirável de interesse público, carece mais do que quaisquer outros de dedicação constante, de propaganda intensa. Com o Tejo aqui à beira o desporto náutico tem por força de singular mais livremente, arreado para si muito do que em popularidade e interesse outros desportos conseguem. Mas por vezes essa actividade tem-se quebrado e por isso mesmo foi imensamente agradável vermos o bellissimo festival desportivo que o Naval organizou — uma successão de provas de vela, remo e motonáutica, atestado da melhor maneira que a vida desportiva dentro do Clube Naval continua juvenil pretendendo remocar-se quantos mais anos vão passando sobre o galhardete famoso do clube.

Todas as regatas tiveram interesse desportivo e técnico. As de vela valorizadas pela competência dos velejadores espanhóis, tripulações do Real Club Náutico de Cadiz e Real Club Mediterráneo de Málaga, concorrendo à prova internacional de snipes, que veio a constituir um belo triunfo para o Clube Naval com a vitória da tripulação Rolando Soares de Oliveira - Jaime de Vasconcelos. As provas de remo tiveram a distinguil-as a confirmação de, no Clube Naval, a modalidade não estar parada, antes, trabalha-se por uma preparação dos remadores e intensifica-se a propaganda.

A vitória do Clube Naval na regata, de *volles de 4 juniores* é uma demonstração desse trabalho. E curiosas as duas provas para sócios remadores que ainda puxaram bem nos 1.500 metros, duas vitórias para as tripulações timonadas pelo antigo,

mas sempre moço na dedicação pelo clube e pelo remo, António Soares.

Enquanto no rio as velas brancas das embarcações em regata compunham mais e melhor o quadro formoso do Tejo, ouviamos o pensamento actual de algumas figuras prestigiosas do Clube Naval.

Alberto Tota, uma figura e um nome dentro do clube, declarou-nos: — Só compreendo as lutas de competição quando estas são realizadas com desportistas cem por cento isentos de outros interesses que não seja o pavilhão do seu clube. Na hora feliz que estamos realizando, o Clube Naval de Lisboa encontrou felizmente nos primorosos navegantes de Cadiz e Malaga a consagração dos seus velhos princípios. Isto é o auxílio sempre carinhoso da imprensa nos basta e compensa galhardamente de todos os esforços.

Amadeu Pires, contra-comodoro do clube afirmou:

— O Clube Naval continua a perdurar com a fama de que sempre esteve aureolado. Mantem a intransigência do amadorismo e levanta sempre bem alto o pavilhão das quinas, símbolo da independência e do futuro ridente de Portugal.

Por sua vez Martinho Gonçalves, por várias vezes dirigente do Naval disse-nos:

— Pelo que verifico continuamos como sempre acompanhando com entusiasmo todos os que trabalham para o engrandecimento do Naval. Fervoroso amigo do clube foi para mim uma grande jornada do desporto náutico.

José Martins Contreiras, antigo presidente do Concelho Director e que foi o chefe da equipa de Snipes que foi a Malaga e a Cadiz, afirmou: — Desporto, escola de educação, virtudes e camaradagem, encontra no nosso querido e popular Club Naval de Lisboa o seu ambiente ambicionado.

Por último trocamos impressões com Frederico Burnay um nome no desporto náutico e vice-comodoro do Naval:

— Como antigo velejador apreciei muito estas regatas e a magnífica organização. A presença dos velejadores espanhóis demonstrou mais uma vez o valor e o interesse deste intercâmbio.

Como vice-presidente da Federação de Remo declaro-lhe que nos satisfaz imenso o engrandecimento do Clube Naval que está dando mostras de uma vontade firme de rejuvenescer a sua actividade desportiva, valorizada em mais de meio século de prestigiosa vida.

Os 58 anos do Clube Naval marcaram de facto uma jornada da melhor propaganda para o Desporto Náutico.

BOAVISTA SEGUE COM BRILHO

O Boavista é a equipa da semana. Antes de começar esta crónica queremos saudar um seu grande jogador, que só agora alcançou a merecida internacionalização. Referimo-nos a Serafim Baptista, o valoroso médio de ataque dos axadrezados, que se estroou na equipa nacional contra a Espanha no jogo do Jamor. Demonstrou Serafim, ser um jogador de alto a baixo, com fibra, com rálé e com a preocupação que deve ser dominante nos jogadores que ocupam o seu lugar: passar bem a bola. Serafim foi dos melhores homens da seleção nacional. Só no fim se notou uma ligeira quebra física, provocada pelo afastamento do seu clube, das competições maiores. Mas mesmo assim, Serafim Baptista foi grande. E é nosso dever, lançar também um aceso de simpatia a Fernando Caiado, que vestiu pela segunda vez a camisola das quinas. Não foi feliz na sua exibição. Mas é novo, e há-de voltar.

E por último curvemo-nos perante a proeza excelente do Boavista. Vieram os portugueses a Marvila vencer os donos da casa, num campo onde ruiu estrondosamente, todas as legítimas aspirações do Barreiras. O Oriental a quem já se dedicaram, tantas e tão merecidas palavras de elogio, não resistiu à embalagem vigorosa e destrutiva do Boavista.

O jogo correu quase sempre, de feição favorável aos visitantes. Começaram o jogo com felicidade. Um tento aos três minutos, não aparece com regularidade. O Oriental não se mostrou surpreendido e reagiu bem. Conquistou dois cantos e aos 13 m. alcançou o golo do empate, uma oportuna entrada de cabeça, a um remate de Vicente. No entanto o Boavista, voltou a impor-se como melhor equipa. Não admira portanto que pouco depois, marcasse mais dois golos, o que estava

perfeitamente de acordo, com o jogo desenvolvido. Os visitantes desenharam um pouco sobre o resultado, e ainda antes do intervalo, Pina reduz a diferença, com um belo chute arreado, à meia volta.

No segundo tempo os nortenhos voltaram a revelar maior capacidade, aumentando a vantagem para dois golos, um lance muito bem pensado por Fernando Caiado e excelentemente concluído por Alcino.

Então o jogo ficou resolvido. O entusiasmo do público não foi o suficiente, para operar a desejada reviravolta. O «penalty» quase no fim que deu o último tento ao Oriental, já não pode modificar, a justa feição das coisas. E assim o Oriental saiu derrotado e com o caminho muito juncado de espinhos.

O Boavista segue em frente, com bellissima embalagem e três preciosos pontos de avanço.

Poderá mantê-los?

No jogo de Montemor, os locais denotaram mais agressividade e maior entusiasmo, mas o Académico de Viseu, mostrou-se equipa mais completa e de fio de jogo, mais agradável.

No entanto o União de Montemor venceu merecidamente pois criou inúmeras oportunidades de perigo. Os seus avançados desperdiçaram por precipitação, momentos flagrantíssimos. Pinho, o avançado-centro titular lesionado, não pôde alinhar. E a equipa ressentiu-se muito do facto. Mesmo assim ganhou, com inesgável merecimento.

No domingo o União de Montemor recebe o Oriental. É impossível fazer previsões para este jogo. O Boavista com lousos conquistados deve passar o obstáculo que se lhe opõe. E daí... Não se apregoa que a bola é redonda?

A. J. FREITAS

Vencedores de Juniores

CONSEQUÊNCIA lógica dos torneios regionais de futebol, categoria de juniores, começou a disputar-se, no domingo, o campeonato nacional, registando-se, na «ronda» de inauguração, os resultados seguintes:

Em Lisboa (Futebol Benfica): *Benfica-Vitória* 1-0

No Porto: *Sp. Braga-Vila Real* 1-1

Em Vila Nova de Gaia: *F. C. Porto-Oliveirense* 2-0

Em Aveiro: *Académica-Viseu e Benfica* 5-0

Em Vila Franca de Xira: *Ferroviários-Torriense* 2-1

Em Setúbal: *Juventude (Évora)-Campomaiorense* 1-1

Em Évora: *Sp. Farense-Desportivo (Beja)* 2-0

Ficaram, portanto, apurados para a segunda fase os campeões de Lisboa, Porto, Coimbra, Algarve e Santarém. Junte-se-lhe o representante de Castelo Branco (Desportivo Covilhense) e — conforme os resultados dos desempates de hoje — Braga (ou Vila Real) Évora (ou Portalegre). Saíram logo à primeira: Aveiro, Beja, Leiria, Setúbal e Viseu.

Os representantes de Leiria e Setúbal foram os que mais caro venderam a eliminação... Perderam, ambos, apenas por um golo de diferença; mas Aveiro e Beja também lutaram com o maior entusiasmo — para continuarem na «baralhas». Merece evidência, pela nitidez do resultado, o triunfo

que a Académica obteve em Aveiro.

Benfica-Vitória — Superioridade dos lisboetas, mal traduzida num golo, o único da partida, marcado a 3 minutos do intervalo. Réplica valorosa dos setubalenses depois do descanso.

Braga-Vila Real — Empate justificado pela magnífica exibição do *keeper* montomano. Os minhotos, por isso, sómente puderam concretizar o seu domínio com um tento, consentindo depois a igualdade.

Porto-Oliveirense — Dois pontos na primeira parte ditaram a vitória dos sportistas. Os campeões de Aveiro apenas evidenciaram bom espírito de luta.

Académica-Viseu — Triunfo claro dos estudantes, contra uma equipa cuja acção foi relativamente pobre, a evidenciar supremacia bem traduzida em cinco golos sem resposta.

Ferroviários-Torriense — Golos (3) marcados antes do intervalo: 2 para Santarém e um do representante de Leiria. A vitória dos escalabitanos foi a da turma mais bem apetrechada para continuar.

Juventude-Campomaiorense — Duas equipas de valia sensivelmente igual. Empate, por conseguinte, plenamente justificado. Portalegre, porém, deve ganhar a crepúsculo.

Farense-Beja — Jogo rijo, disputado com rudeza, no qual os algarvios levaram a melhor. Os alentejanos, no entanto, não foram batidos facilmente...

Série II — Ano VIII — N.º 385
Lisboa, 19 de Abril de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. BUILEIRMO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

O Vitória de Setúbal na Ilha da Madeira



Os grupos do Vitória de Setúbal e do Marítimo, campeão da Madeira, antes do começo de um encontro



O Marítimo marca um dos seus golos



Os dirigentes do Marítimo fazem a entrega dum trofeu aos directores do Vitória de Setúbal

REGRESSADA há pouco tempo do Funchal a equipa representativa do valoroso Vitória de Setúbal, procurámos colher impressões da viagem e da estadia na formosa ilha da Madeira.

Sempre agradável este passeio, esperávamos de antemão encontrar na digna embaixada setubalense satisfação natural. E de facto, encontrámo-la, quando dos jogadores nos abeirámos, nas cabines das Salésias, após o seu último jogo com o Belenense. Não esconderam a sua alegria e pela boca do capitão do grupo, o valoroso médio, Camilo Marques Pina, soubemos ter sido excelente a viagem, embora alguns companheiros, não habituados às andanças no mar, tivessem sofrido os indesejáveis enjões.

Respondendo à nossa pergunta sobre a recepção e despedida na pérola do Atlântico, Pina declarou-nos:

«Guardamos recordações inolvidáveis do hospitaleiro povo madeirense, que nos cumulou de gentilezas, quer à chegada quer no regresso.

Numerosos desportistas nos dispensaram inesquecíveis atenções, durante cerca de 15 dias, que lá permanecemos.

Fizemos, como sabe, 3 jogos, um com o União e os restantes com o Marítimo, ganhando aquele por 1-0 e perdendo frente aos campeões pelos resultados de 2-4 e 2-5, mas digo-lhe ser muito difícil aos grupos da metrópole vencer na Madeira, sobretudo ao Marítimo».

(Continua na página 15)

58 anos do Clube Naval de Lisboa

Regatas de «snipes» entre espanhóis e portugueses



O grupo de velejadores espanhóis de Malaga e Cadiz



Antigos dirigentes do Clube Naval de Lisboa



Dois belos trechos das regatas de «snipes» ganhas com brilho pelos representantes do Clube Naval



A tripulação que ganhou a prova inter-sócios, Timoneiro: António Soares



A tripulação (yolle) da Associação Naval que saiu vencedora da regata



A tripulação do juniores do Clube Naval que venceu a respectiva prova de «yolle de 4»

**ATLÉTICO derrota PORTO
e conserva O 3.º lugar**



Armando Carneiro apodera-se da bola, para a dar a um companheiro que marcará a terceira bola

A ordem, neste lance, é de pura defesa, e todos os atléticos se esforçam!



Ben David, que jogou a primor, marca o segundo tento do Atlético



Enquanto Virgílio aguarda, longe, o desenvolvimento do lance, dois adversários lutam com energia



**BOAVISTA
vence ORIENTAL
e coloca-se numa posição invejável!**



Szabo, guarda-redes do Oriental, defende por alto. O Boavista teve remates muito perigosos!



Uma fase do jogo em que os rapazes do Oriental exprimem bem o esforço que estão a desenvolver...



Virgílio luta com a defesa contrária



Manuel Raul dos Santos

UM BASQUETEBOLO ANTIQUADO QUE CARECE DE AUXÍLIO E PROTECÇÃO

O Campeonato Nacional de Basquetebol está em pleno curso. A magnífica modalidade da bola ao cesto vive, portanto, uma fase intensa de actividade e animação. Mais do que em qualquer outra altura, dada a importância da prova que interessa cinco regiões desportivas de primeiro plano, os problemas do basquetebol vêm à superfície, discutem-se, estudam-se, numa palavra, têm uma actualidade flagrante.

Lógico era, pois, que procurássemos ouvir alguém que, sobre o assunto, pudesse esclarecer os nossos leitores. Estava naturalmente indicado que fosse o presidente da respectiva Federação e, para isso, procuramos Manuel Raul dos Santos, uma dedicação pelo basquetebol, que desde Setembro de 1948, se encontra à frente dos destinos da F. P. B.

Director da Associação de Basquetebol de Lisboa em 1932/33 e 1939/40, componente da Comissão de propaganda da extinta Liga Portuguesa de Basquetebol na época de 1933/34, director da referida Liga em 1934/35, tesoureiro da F. P. B., em 1935/36 e 1936/37, vice-presidente da mesa da assembleia geral da Associação de Basquetebol do Porto em 1945/46 e presidente da mesma assembleia em 1946/47 e 1947/48, director do Ateneu Comercial de Lisboa em 1933/34, 1934/35 e 1935/36, dirigente, portanto, com larga folha de serviços, o sr. Manuel Raul dos Santos aceitou prontamente ao nosso pedido, dispondo-se a falar aos leitores da *Stadium* com viva satisfação.

O basquetebol actual

Colocamos, pois, a primeira pergunta:

— Como aprecia o panorama actual do basquetebol português?

— O nosso basquetebol, tecnicamente, pouco tem progredido, o que, aliás, não admira, dada a carência de técnicos competentes e o quase nulo contacto internacional. Temos na verdade um razoável número de praticantes e de clubes interessados na modalidade mas, infelizmente, a qualidade não está em relação com a quantidade. Todavia, se a Federação puder dispor

de meios, é natural que a expansão da modalidade se torne maior, pois já são muitos os centros interessados na prática do jogo, e não só no Continente, porque tanto das Ilhas como das Províncias Ultramarinas chegam-nos notícias muito animadoras e até demonstrativas, nalguns casos de que o basquetebol já ali alcançou nível apreciável.

— Quanto a regiões...

— No Continente, Lisboa, Porto e Coimbra, são as cidades que dispõem dos melhores valores, mas Aveiro, Setúbal e Algarve, dado o trabalho que estão desenvolvendo, não é de admirar que num futuro próximo alcancem boa posição. Em 1948, os clubes do Porto conseguiram excelentes resultados: o triunfo nas três Divisões do Campeonato Nacional e na «Taça de Honras». E até os Campeonatos Nacionais Corporativos foram ganhos por centros do Porto. Mas em 1949, já Lisboa conseguiu vencer os Campeonatos da 2.ª e 3.ª Divisões, e Coimbra, por intermédio da Associação Académica, o da Divisão principal. Com o regresso, na presente temporada, dos clubes lisboetas ao torneio maior, estamos a assistir a uma luta renhida e indecisa...

A modalidade carece de protecção

Passamos a outro ponto. Inquirimos das possibilidades de melhorar o nível técnico do nosso basquetebol. A este respeito, o presidente da Federação expõe-nos o seguinte:

— O nível técnico da modalidade só poderá melhorar quando os jogadores dispuserem, de facto, de meios que os habilitem a assimilar as tácticas modernas. Com a introdução das novas regras, aprovadas no congresso da F. I. B. A., e que nos outros países já vigoram há um ano, dar-se-á certamente importante passo em frente. Mas, claro, não é o bastante...

«A Federação continua a não dispor de meios para subvencionar a vinda de um técnico estrangeiro, no que chegou a pensar e a tratar devidamente. Todavia, como não lhe era assegurado pelas entidades oficiais um subsídio permanente, não pôde consequentemente contrair responsabilidades. Continuaremos, portanto, na expectativa e jogando um basquetebol antiquado, com todos os inconvenientes que de tal facto resultam, visto que a proverbial tenaci-

dade dos nossos rapazes e a sua energia dispendida tão generosamente, não pode só por si superar a melhor técnica e táctica dos adversários».

A situação financeira da F. P. B.

Aproveitando uma pausa do nosso amável interlocutor, abordamos o problema financeiro da Federação, assunto de capital importância. Eis a este respeito o depoimento de Manuel Raul dos Santos:

— A situação financeira da F. P. B. é, como não podia deixar de ser, deficiente, dado que as receitas ordinárias não são suficientes para cobrir as despesas ordinárias, mesmo depois de estas terem sido reduzidas ao mínimo. O equilíbrio só poderá obter-se, possivelmente, com o recurso às receitas extraordinárias, sempre contingentes. As entidades oficiais conhecem perfeitamente o nosso problema financeiro e confiamos que, de qualquer modo, nos auxiliem, para que ele possa ser resolvido, e a Federação consiga cumprir da melhor forma possível a sua missão.

Fala-se do Portugal-Espanha

Mudamos de capítulo, formulando nova pergunta:

— Que se passa quanto ao Portugal-Espanha?

— A realização do V Portugal-Espanha, cuja organização este ano nos compete, está inteiramente dependente do auxílio que nos for concedido para a preparação da nossa equipa. Sem esse auxílio é quase certo não podermos proceder ao necessário treino da turma nacional, e, neste caso, teremos que adiar o jogo fixado, em princípio, para fins de Maio ou princípios de Junho.

«Todavia, vão iniciar-se os trabalhos preliminares com vista ao encontro já tradicional nas relações desportivas entre os dois países peninsulares: trabalho de observação a realizar pelo seleccionador nacional Fernando Amaral, uma competência e uma dedicação pelo basquetebol».

... e de outros encontros

Aproveitando o assunto em questão, apresentamos ao dedicado presidente da F. P. B. nova pergunta:

— Não era possível e útil tentar outros encontros internacionais?

— Util sem dúvida alguma. Utilíssimo mesmo, porquanto embora sejam muito interessantes os jogos com os nossos vizinhos, a verdade é que o

CARLSSON

escreve as suas
MEMÓRIAS



CARLSSON, o magnífico avançado-centro sueco, que alinha no Atlético de Madrid, está escrevendo as suas Memórias, que se publicam no seu país com um êxito assinalado em toda a Imprensa quer nacional quer estrangeira. Na capa do livro vê-se o rei Gustavo apertando a mão ao famoso internacional. Carlsson conta a sua vida desde os 12 anos e ao mesmo tempo dá as suas opiniões sobre o momento actual. Assim, num dos úl-

timos capítulos das suas Memórias lê-se o seguinte: o Atlético de Madrid será o campeão da Liga; que a Espanha não terá dificuldades em eliminar Portugal do Campeonato do Mundo; que o Brasil se não fôr o vencedor da Taça Julio Rimet é, pelo menos o segundo classificado.

Se tais Memórias não forem mais interessantes nos outros fascículos o êxito em Portugal não será igual ao dos outros países...

intercâmbio com outros países europeus só beneficiaria o nosso basquetebol. A França — país com quem se disputaram quatro encontros, o último dos quais, em 1934 — a Itália e a Bélgica são nações de primeira grandeza. Mas, outros há ainda com os quais podemos perfeitamente competir, na opinião autorizada de mr. Taris — o conhecido árbitro que dirigiu o IV Portugal-Espanha, em Tetuão e é secretário da Federação Francesa — tais como a Suíça, Holanda, Áustria, Grécia, Finlândia, etc..

«É preciso notar que sobre estes países que técnica e taticamente nos são superiores, temos vantagem no que toca a energia e rapidez».

E pormenorizando os projectos da F. P. B., Manuel Raul dos Santos acrescenta:

— Veremos se se confirmam a anunciada vinda dum clube francês — o campeão da época de 1948 — de que faz parte o célebre Buffieri, capitão da equipa nacional gauleza, e da já reclamada visita da famosa equipa de «Globetrotters» de Harlem e do conjunto «All Stars», também de profissionais americanos, que se deslocam em Maio próximo à Europa, pois estamos convencidos que a exibição destes grupos despertará grande interesse e servirá para provar com autoridade a beleza do jogo — uma das modalidades que toda a juventude deve praticar. Servirão, também, para que apresentando tão valorosas equipas se radique em todos os responsáveis a necessidade de se considerar o basquetebol como um dos desportos cuja importância não pode ser esquecida e que, portanto, temos que ter sempre presente, coordenando esforços, de forma a que não se julgue que há várias espécies de basquetebol. O jogo é só um.

Escolas de infantis e de júniores

Entramos no último capítulo da entrevista. E aproveitamos a oportunidade para tratar de assunto de capital importância: o problema dos júniores. Arquivemos, pois, a este respeito, o depoimento de Manuel Raul dos Santos:

— É com verdadeiro júbilo que verifico o incremento que estão tomando as escolas de infantis e de júniores. O bom exemplo que o Porto está dando neste capítulo deve ser seguido por todos os outros centros. No que diz respeito aos júniores — de 16 a 18 anos de idade — temos que lamentar que, em certos casos, os jovens com boas condições físicas não possam actuar em categorias superiores. Lembrou-me sempre de um avançado-centro que aos dezasseis anos fazia parte do primeiro grupo. Simplesmente, pela sua robustez parecia ter idade superior. De resto, o ponto mais importante, quanto a nós, é o de que as suas condições físicas permitam aos jovens jogadores actuar juntamente com os de mais idade. Desde que se exerça a necessária vigilância médica não nos parece que haja inconveniente.

Rinty Monaghan

abandonou o «ring» renunciando aos seus quatro títulos



O pugilista irlandês Rinty Monaghan, de 29 anos de idade, campeão mundial, europeu, britânico e do Império Inglês, da categoria do peso «mosca» anunciou renunciar aos seus quatro títulos e retirar-se do «ring».

Esta decisão foi motivada por um catarro bronquial que sofre há tempos e que lhe dificulta a respiração quando produz esforços.

Monaghan tinha que defender o título europeu frente ao francês Honoré Praterai e ao preparar-se para este combate é que se comprovou que não podia realizar exercícios físicos fortes, decidindo, então guardar as luvas para sempre.

Monaghan tinha o hábito, ao terminar os combates, quer fossem ganhos ou perdidos, de cantar no «ring», no final, a sua canção favorita. «Quando uns olhos irlandeses sorriem»!

Parece que val agora dedicar-se ao teatro, visto ter uma excelente voz. O seu último combate realizou-se em Setembro, na cidade de Belfort, frente ao inglês Terry Allen, pondo em jogo o seu título mundial.

O encontro foi dado como nulo, conservando assim, o título que ganhara há dois anos pondo fora de combate, no sétimo assalto, o escocês Jackie Paterson, de Glasgow.

E concluindo o seu pensamento, que é simultaneamente o fecho da entrevista, o nosso amável interlocutor diz-nos:

— Em Lisboa, ultimamente, tem sido dispensada bastante atenção às categorias de júniores, pois já um apreciável número de clubes inscreveu as suas equipas no respectivo campeonato regional. Desejamos que na próxima época todas as Associações consigam realizar os seus campeonatos de júniores, com a inscrição de equipas de todos os seus filiados.

Abreu Tórras

FLAGRANTES...

A ORQUESTRA DO FUTEBOL

está muito desafinada

por MÁRIO SANTOS

A história da eliminatória Portugal-Espanha para o campeonato do mundo, está feita. É uma história vulgar, do ponto de vista puramente desportivo, mas que as boas gentes da direcção do futebol português levaram ao ponto mais alto da competição...

E, claro, sucedeu o que aqui escrevi algumas semanas atrás: a crítica, tão culpada como outra qualquer entidade, caiu desaptedadamente sobre a organização — derrancando-a...

Vão passados uns dez dias e abrandaram já os ventos tempestuosos!... Se passarmos uns dez, o futebol português regressará normalmente à normalidade — e não se falará mais nisso...

Aqui reside, sem ponta de dúvida, o grande mal de que padece uma organização que merecia mais carinho de todos.

Alberto de Freitas que é um trabalhador infatigável e um crítico sério mas sem candela acesa nos grandes centros onde se propagandei e defendem candidaturas a gente grande, já pôs no seu jornal a questão como ela deve ser posta: «não se pode continuar a viver num mundo de ilusões, nem a mentir conscientemente. Ora, o futebol português, tal qual está organizado — ou desorganizado — é uma rigorosa mentira».

Foi, inicialmente, o impedimento para a mocidade praticar o futebol que cortou cerca as nossas já escassas possibilidades demográficas na competição internacional. Esse — o grande erro! Depois, a própria organização dos clubes fez o resto — com a anulação das provas entre categorias inferiores. O dinheiro, tão defetuosamente distribuído entre praticantes que não conhecem mais do que direitos — mal chega para os escassos rendimentos que o próprio futebol dá aos clubes.

Mas o mal maior, é a separação entre os homens.

E não se inventam técnicos. Ou os há ou não há! Creio, sinceramente, que o futebol mesmo com todas as contingências que pertencem ao jogo, é um desporto onde a inteligência prepondera. E não se cre que, assim sendo, possamos os dirigentes ser os menos inteligentes e sabedores.

A direcção de uma equipa não será exclusivamente escolher os jogadores para ela. Se assim fosse mal iria ao futebol. O director de uma equipa necessita de ser um conhecedor profundo das próprias leis —

no que nelas está escrito e no espírito que as informa. Se assim não sucede, se apenas o processo tático é preocupação do dirigente, a equipa não luta com iguais armas ante uma outra preparada tática e tecnicamente para os problemas que no próprio jogo vão aparecendo.

Há anos, andando eu empenhado profissionalmente no exame dos árbitros que hoje dirigem os campeonatos nacionais, defendi a ideia de que o árbitro devia ser um homem com relativa cultura ou, pelo menos, que não podia ser o ignorante ou o iletrado. O resultado da minha campanha foi nulo — até porque o recrutamento desses árbitros se não podia nem pode fazer em meio mais relacionado do ponto de vista a que me refiro.

Valeu no caso a circunstância de eu não ser outra coisa que um empregadote que só podia fazer o que me mandavam. Porque a verdade é esta: dos cento e tal árbitros a cujo exame assisti — só uma escassa meia dúzia estava totalmente habilitada ao desempenho do cargo. Este, o caso estrito do árbitro de futebol. O director de uma equipa tem de ser, a meu ver, um técnico profundo, conhecendo da organização em si e das suas leis — que não é apenas o amontoado de palavras que se lê no livro. Há situações em que duas equipas se podem encontrar, que podem ocasionar um tumulto, por mero e indesculpável desconhecimento do enunciado da lei e do que ela de facto significa. Não dou exemplos. Os mestres — e eu tive um que se chama Ribeiro dos Reis — que ponham nos jornais o problema tal como eles se apresentam.

Ao correr da pena — que o tempo gasto com esta prosa faz falta às minhas ocupações profissionais — vou dizendo da minha amargura de ver tanto descuido e tanta negligência nos problemas efectivamente sérios e importantes do futebol português. Sei que só me entendem os que estão de facto no conhecimento dessas questões. Sei que vou sendo cada vez mais impopular — por não querer tocar o hino sempre que o regente levanta a batuta. Mas — não! Hei-de tocar o hino, apenas, quando for caso para tocar o hino. Com esta orquestra tão desafinada não há possibilidade de um executante tão pobre de recursos como eu fazer mais do que agravar a desafinação. É esta razão de consciência que falta a muitos...

A vitória do Sporting por 3-2

Dá um ar de graça ao Campeonato Nacional da PRIMEIRA DIVISÃO



Os grupos entram em campo, e cada um leva no seu ânimo a ideia da vitória...



Jesus Correia persegue velozmente a bola, mas esta é ainda mais rápida e Bastos defende com intervenção oportuna



Jesus Correia, dinâmico, no lugar de avançado-centro, esgueira-se pelo buraco aberto na defesa, tendo aos lados Felix e Fernandes, e remata em posição de desequilíbrio



Travassos, oportuno, carrega, mas o jovem Bastos não se deixa bater com facilidade



No risco da grande área, a defesa do Benfica entra em ação, e inutiliza o lance de Martins e seus companheiros



Azevedo livra-se de um ataque que é defendido por alto, Bastos coberto pelos seus defesas



Uma nota inédita: dois avançados-centros em luta direta



Bastos, o excelente estreante do Benfica, lança-se todo no ar e defende. Felix mostra a sua contentamento

A ACADÉMICA NA BÉLGICA



A esquerda — O jogo Académica-Real Sociedad de S. Sebastian foi disputado com todo o ardor latino. Diogo eleva-se entre Arquimano e Calito, enquanto Azevedo acompanha o lance. Castela (n.º 1) está de guarda a Epi. A direita — Sob uma chuva rigidíssima e um vento de rajada, os estudantes de Coimbra sucumbiram ante os campeões belgas. A foto da bem o ambiente. Castela e o famoso Neumann lutam pela posse da bola.

A Académica não pode deslocar para a Bélgica dois jogadores que ali, com certeza, teriam deixado nome: Pacheco Nobre e Capela. Como não pode também contar com o concurso de Duarte. Este, embora integrado na caravana, viu-se impossibilitado de alinhar por acusar os

efeitos de uma lesão no jogo de oito dias antes com o Boavista.

No entanto, a equipa conseguiu dar indicação do seu próprio valor no 1.º tempo do encontro com o Anderlecht, desenvolvendo

(Continua na página 15)



Travassos, numa jogada característica de excelente condizência, guarda a entrada de Felix



Na marcação de um canto, Verissimo pretende aplicar o seu famoso remate de cabeça. Moreira luta; Arsenio e Xico Ferreira assistem ao lance

O torneio de Montreux || apreciado de Lisboa ||

Relance sobre as quatro competições disputadas e a acção dos portugueses

APESAR dos seus esforços e da enorme vontade de vencer, mais uma vez, pelos hoquistas lusos, em Montreux, no torneio internacional para a Taça da Europa, o troféu «Aurelle Chandoz» não veio parar definitivamente a Portugal! Foi agora fazer uma viagemzinha até Herno-bay. Mas será bom não demorar por lá mais do que um ano — tempo suficiente para um estágio que desejamos não se prolongue; e, em 1951, é conveniente não o esquecer, deve voltar a ser nosso, até que ilustre para sempre as vitrinhas de prémio da F. P. Patingem. Disso estamos certos.

Um penalty arreliador tirou-nos a possibilidade da conquista do magnífico troféu; mas houve tanto tempo para rectificar o resultado, que, com franqueza, não se compreende lá muito bem por que tal não foi possível.

Admita-se, porém, a fadiga natural dos jogadores — por uma série de encontros seguidos, contra os melhores, nas duas últimas rondas da prova, momento de derradeira. A equipa da Inglaterra (ainda contando com a colaboração de Peter Walters, Goodall, Payton, Stumbe e Mercer) defendeu-se com unhas e dentes — acabando por ganhar aos campeões do Mundo pelo tal famigerado penalty. Foi pena. Mas acete-se a derrota como acontecimento banal, comum a quaisquer manifestações do desporto, pois nem sempre se vence — nem se ganha quando se quer! Aquilo tinha de ser — e agora só há que pensar em reaver o troféu.

É certo que Jesus Correia fez falta à equipa nacional. Não se dividiu um momento sequer (a despeito, repita-se, da enorme vontade dos seus briosos companheiros) de que a ausência do excelente jogador do Paço de Aroca tirou coxinho ao grupo lusitano. Uma pedra (e, então, preciosas, como esta) faz sempre falta no xadrez de uma turma de hóquei. Necessidades de momento, para chamada a outra representação, também nacional, obrigaram Jesus Correia a dar o seu contributo a modalidade diferente. Mas a verdade (isto está sobejamente provado) é que Jesus Correia faz muita mais falta ao hóquei em patina do que ao futebol, portanto, não há dois caminhos a seguir, conforme o exige o bom nome do Desporto Nacional — embora tal pese nos sorimentos do atleta. De um lado, amadorismo puro, integral, com exigências de preparação cuidada e «a tempo»; pelo outro, as necessidades inerentes a uma semi-profissão, que nem sequer chega a ser modo de vida, mas para cuja situação é preciso olhar também.

Ao atleta pertence dizer a última palavra — a ele ou a quem superintendia nestas andanças. Jesus Correia, todavia, em recente entrevista concedida ao «Mundo Desportivo», pôs já a questão a claro, afirmando: «*Itália ajuda a defender o título mundial de hóquei em patina.*» A resposta está, pois, dada em público, e o caminho a seguir agora é só um — para que se não repita o desaire (aborrecido mas em todo o caso passageiro) de Montreux. Pense-se a sério no futuro, sem tergiversações nem meias-tintas de carácter sentimental, porque o que lá vai pertence já ao passado. E mãos à obra sem perda de tempo.

Na jornada final da Taça da Europa registaram-se os resultados seguintes: 5.ª dia (de tarde) — Espanha-Bélgica, 7-0; França-Itália, 5-4; Inglaterra-PORTUGAL, 1-0; (à noite): Inglaterra-Alemanha, 6-3; PORTUGAL-Suíça, 4-2. A notar, portanto, as imprevistas derrotas dos belgas e dos italianos a «laques», então, por marca dir-se-á inadmissível em face do comportamento anterior, mais de harmonia com a categoria da equipa.

Classificações:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
Inglaterra	7	7	—	—	34-12	14
PORTUGAL	7	6	—	1	29-8	12
Itália	7	4	—	3	21-20	8
Espanha	7	3	—	4	27-20	6
Suíça	7	3	—	4	28-25	6
Bélgica	7	3	—	4	21-32	6
França	7	2	—	5	17-28	4
Alemanha	7	—	—	7	12-44	0

A título de mera curiosidade — e até para comparações futuras — o resultado dos três torneios anteriores:

I (1946) — 1. Itália (B), 12 pontos e 23-11; 2. PORTUGAL, 10 pontos e 42-12; 3. Bélgica, 6 pontos e 14-21; 4. França, 4 pontos e 16-28; 5. França (B), 4 pontos e 10-24; 6. Suíça, 3 pontos e 17-13; 7. Itália (B), 3 pontos e 9-16. Golos marcados: 131.

II (1947) — 1. PORTUGAL, 10 pontos e 42-12; 2. Inglaterra, 8 pontos e 22-16; 3.ª Itália, 7 pontos e 18-14; 4. Espanha, 6 pontos e 21-15; 5. Bélgica, 4 pontos e 17-25; 6. França, 4 pontos e 5-26; 7. Suíça, 3 pontos e 7-23. Golos marcados: 132.

III (1949) — 1. PORTUGAL, 9 pontos e 34-13; 2. Espanha, 8 pontos e 24-21; 3. Suíça, 6 pontos e 20-17; 4. Itália, 4 pontos e 16-25; 5. Bélgica, 3 pontos e 13-19; 6. França, 6 pontos e 12-24. Golos marcados: 119. Em conjunto, nas quatro provas, os resultados cifram-se assim:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
PORTUGAL	24	20	1	3	147-45	41
Inglaterra	13	11	—	2	56-28	32
Itália	24	10	2	12	64-75	23
Espanha	18	10	—	8	72-57	20
Bélgica	24	9	1	14	65-97	19
Suíça	24	8	2	14	72-84	18
Itália-B	6	6	—	—	23-11	12
França	24	3	2	17	23-106	12
França-B	6	2	—	4	10-24	4
Alemanha	7	—	—	7	12-44	0

170 81 8 81 571 170

Quer dizer: — Portugal tem demonstrado superioridade incontestada, e, apesar de ter perdido com a Inglaterra, é, ainda, a nação mais bem classificada em globo. Quanto aos britânicos, concorrentes a dois torneios, contam duas derrotas, mas nenhuma em frente da turma lusitana; os ingleses perderam, somente, na prova de 1947, ano de estreia, por 3-4 com a Suíça e por 2-3 com a Itália, no último dia. Portugal só não ganhou três jogos em 24: empate de 4-4 com a Bélgica (1949) e derrotas contra a Inglaterra, por 3-5 (1947) e 0-1 (1950); e contra a Itália-B por 2-3 (1946). Em questão de golos também a supremacia dos hoquistas lusos apresenta saldo positivo de maneira notável: os 147 pontos pertencem, individualmente, a Correia dos Santos, (61); Jesus Correia (40); Olivério (20); Sidónio (16); Edgar, Raio e Velez (3 cada um) e Figueiredo (1).

Em 1950: Correia dos Santos, 22; Edgar, Sidónio e Velez, 2; e Raio, 1. Correia dos Santos marcou todos os golos desta competição à Itália (5) e à Espanha (4). Isto é muito bonito e significativo.

Para fechar este breve enunciado de enúmeros e nomes do hóquei em patina português (sem alusão directa, que o visado nos perdoe, ao magnífico livro do prezado camarada Ricardo Ornelas) diga-se quais foram os jogadores efectivos da selecção nacional no computo dos quatro torneios: — Em todos — Correia dos Santos, 22; Edgar, Sidónio e Velez, 2; e Raio, 1. Correia dos Santos marcou todos os golos desta competição à Itália (5) e à Espanha (4). Isto é muito bonito e significativo.

Quanto aos três resultados mais rotundos, registre-se, ainda, que a maioria pertence aos portugueses: 1946 — PORTUGAL-Bélgica, 12-3; PORTUGAL-França (B), 11-1; Itália (B) -França, 8-2. Em 1947: PORTUGAL-Bélgica, 11-6; PORTUGAL-França, 11-2; PORTUGAL-Suíça, 7-1. Em 1949 — PORTUGAL-Espanha, 10-1; Suíça-Itália, 7-1; Espanha-Suíça, 10-4; e, ainda, PORTUGAL-França, 9-3. Em 1950 — Espanha-Alemanha, 9-1; Suíça-Alemanha, 7-0; PORTUGAL-Bélgica, 7-1. Fique-nos, pois, esta consolação: — não se ganhou agora a taça «Aurelle Chandoz», mas, em contrapartida, a superioridade de Portugal (em tudo!) tem sido largamente patentada. E ainda bem. Oxalá que, para o ano, e nos seguintes, a Taça da Europa veja a vitória lusa — até que o troféu venha para as vitrinhas da Federação...

JORGE MONTEIRO

Técnica e Tática

Como se joga e como se treina

Do ataque em geral

IX

Do excelente livro do treinador francês J. de Rette, resumimos hoje o capítulo referente à tática de ataque.

Construção: a) — pelos extremos, que correm ao longo da linha lateral, procurando atrair um elemento do bloco defensivo adversário, criando assim uma abertura no centro. Os extremos só devem desviar-se para o centro na fase final do ataque, para rematar, se houver oportunidade; fazê-lo cedo de mais contribui para embaraçosa acumulação de jogadores que dificultará o prosseguimento da ofensiva.

b) — do meio campo, pois um ataque inteligentemente conduzido parte de longe; meta-do do comprimento do campo, não é distância excessiva para surpreender uma defesa experiente.

c) — sobre larga frente, porque todos os jogadores atacantes devem tomar parte na acção. O passe vindo de um companheiro não significa a obrigatoriedade de redobre, pelo contrário. A bola deve girar.

d) — chegar em frente da baliza pelo menos com número de atacantes igual ao dos defensores. Perante a barreira formada com sete homens, é portanto indispensável a colaboração no ataque dos dois médios laterais.

Condução: a) — preparação em andamento relativamente lento (a equipa sarrense que nos visitou demonstrou flagrantemente este sistema), estudando a formação da defesa adversária e procurando o ponto vulnerável.

b) — ruptura, por meio de demarcação rápida e arrancada súbita do elemento realizada.

c) — surpresa na perfuração,

lançando em força um elemento recuado.

Alguns processos de ataque: o W corresponde ao M defensivo, com três avançados em ponta, o centro e os dois extremos. O seu papel é de lustrar a defesa contrária, por rápidos arranques na abertura criada. Este sistema é de grande interesse porque proporciona aos três melhores elementos atacantes as melhores facilidades realizadoras, mas requer, contudo, interiores e médios de boas qualidades físicas e construtivas. Os três avançados de frente apenas actuaem como realizadores.

b) — Tática correspondente ao muro: o avançado-centro joga recuado para construir a jogada com os interiores, ficando os extremos adiantados. O centro lança o ataque, decidindo qual o lado mais conveniente, participando depois na sua sequência, como segunda e inesperada vaga de assalto.

c) — Improvisação: cada jogador diligência, pela sua acção pessoal adaptada à dos companheiros, enganar a defesa adversária. Perante equipa devidamente organizada, esta tática não resulta.

Como atacar uma defesa já colocada: sucede muita vez que o ataque encontra pela sua frente uma já organizada. Nesse caso, é necessário variar as formas de ataque, abstenendo-se os avançados de corridas velozes e deslocações em profundidade, que só conduzem ao choque sem resultado prático.

O que convém, são as deslocações laterais em frente do muro. Toda a linha avançada entra em movimento circundante, procurando atrair a barreira para um lado do terreno e enviar depois a bola por passe longo para o lado oposto. A bola deve girar mais depressa do que a barreira.

SALAZAR CARREIRA

O ALENTEJO

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1918

Seguros em todos os ramos

Restauradores, 47 — LISBOA

Telef } 23300
 } 29752

NOTA DA SEMANA

O nosso colega Jacques de Ryswick, enviado especial do diário parisiense L'Equipe aos desafios de Chamartin e de Vale do Jamor, não parece muito propenso à admiração do futebol português.

A leitura das suas reportagens deixou-nos um pouco desiludidos, mais pelo que quis dizer nas suas entrelinhas do que pelas referências à qualidade do jogo dos lusitanos, qualificado de insigne na tabela dos valores abaixo da média. Todos os louvores endereço-os à equipa espanhola, mas convém recordar que os franceses — em sua casa — encaixaram, em Junho do ano passado, o mesmíssimo resultado, jogando relativamente bem, e a Irlanda, no ambiente familiar de Dublin, não conseguiu desfecho melhor do que perder por 4-1.

Bem sabemos — pois é de domínio público — a falta de orientação e de método que o jogo da bola tem suportado neste lado da Península. A derrota de Chamartin não nos surpreendeu, nem o volume do resultado, precisamente por nos termos deslocado a Espanha em condições deveras diferentes das que seria mister. Que a equipa de França — como diz Jacques de Ryswick — talvez pudesse ter tido outro comportamento, se em lugar da turma portuguesa houvesse dado réplica ao onze espanhol, também não julgamos impossível. Somente — pormenor sem importância para o nosso colega — quando teve oportunidade disso, trouxe os mesmos cinco tentos nas redes que nós trouxemos, apesar da sua preparação e de tudo o mais.

Há dez anos que os nossos bombásticos vizinhos não conseguem triunfar em Lisboa e se no último match regressaram sem derrota podem agradecer ao capricho da sorte. Jogando menos, em conjunto, que nós, cuja preparação enfermou de muita poesia e romantismo, sabe-se lá o que teria sucedido noutras condições!

É sempre desagradável procurar diminuir o mérito de outros para realçar o nosso. Da leitura do jornalista Ryswick ficou-nos essa impressão, e nunca será inútil pôr o «nome aos bois» quando a crítica de fora vê os acontecimentos por cristais defeituosos ou sofre de astigmatismo intelectual.

O que ficou dos encontros Portugal-Espanha e Espanha-França, jogados em Lisboa e em Paris, não admite a ideia de insuficiência que o enviado especial de L'Equipe atribui ao futebol lusitano, nem a admiração rasgada que tributa aos dos nossos irmãos peninsulares. E, quanto à equipa de França, o seu braço pode doar-se com as suas próprias façanhas, vendo-se ao espelho.

É frequente registarem-se gestos de cordialidade e simpatia entre adversários e atitudes modestas entre campeões, que só dignificam os autores.

Na semana finda, disputou-se em Amsterdão um desafio de boxe cujos protagonistas foram Luc Van Dam, titular holandês de «médios», e Royer-Crécy, jovem aspirante francês ao título da referida categoria. A batalha, de grande encarnamento, findou com a vitória de Van Dam e o seu antagonista sofreu um grave golpe no rosto, sendo indispensável conduzi-lo ao hospital.

Ante a indiferença dos empregados, foi o próprio Van Dam que se dispôs a acompanhar o ferido, transportando-o no seu automóvel e pagando a despesa do curativo com a maior solicitude e dedicação possíveis.

Este gesto já não é tão comum como se julgará. Revela uma índole bem formada e contrasta com a indiferença reprovável dos organizadores, decerto absorvidos na divisão dos lucros de bilheteira.

Igualmente nos parece merecedora de referência a maneira discreta como o jovem nadador australiano, John Marshall, fala de si-próprio e das suas proezas. Recordista mundial de 200 e 400 metros, melhorando o tempo do japonês Furuashi, respondeu aos jornalistas que o interrogaram: «Eu não sou ninguém de especial; o meu preparador, Bob Kiphuth, esse é quem pode orgulhar-se do seu trabalho».

Referindo-se ao excepcional nadador nipónico, que agora destronou, Marshall confessou a sua admiração colocando-o acima de outro qualquer.

Este jovem de dezanove anos tem a cabeça no seu lugar, não se deixando influenciar pelo orgulho, natural no seu caso e admissível na sua idade. Pode servir de exemplo a quantos, com menos razões, se julgam superiores a tudo que existe e só admitem aplausos a si-próprios.

RAFAEL BARRADAS



FUTEBOL

BOXE

Reims subiu ao primeiro lugar no campeonato de França (1.ª Divisão). Apenas um ponto o separa de Bordéus e Lille, classificados a seguir, e três pontos de Toulouse, agora em quarta posição.

O Stade de Reims, actual detentor do título, manifesta real mérito ao voltar à cabeça da classificação depois de seis pontos de atraso. Embora o desfecho esteja ainda longe, e os quatro clubes citados possuem as mesmas probabilidades de triunfarem na grande prova, o progresso do titular de 1949 apresenta-se como um acontecimento de importância.

Nimes, leader da 2.ª Divisão e semi-finalista da Taça, derrotando Cannes por 3-2, tem quase assegurado o ascenso à Divisão de Honra. Só lhe falta um ponto para realizar esse desejo.

Manchester United tomou a dianteira no campeonato de Inglaterra, depois do empate com o Everton. A luta continua acesa, porque Blackpool, Sunderland e Liverpool, continuam a par e a 2 pontos do leader, seguidos de Portsmouth e Wolverhampton com três do Manchester United.

O campeonato da Suíça continua muito encarnado. Por agora Basileia mantém-se à frente com 24 pontos e depois vêm: Servette, Zurich, Chiasso e Lausanne, todos com 22.

ATLETISMO

Jolin Treloar, campeão da Austrália de velocidade pura, correu 100 jardas em Sidney, chegando à meta em 1.º lugar no tempo de 9 segundos e meio.

Em segundo e terceiro lugares classificaram-se Dave Johnson e Ted Strickland, a 1 décimo de segundo de diferença.

Bob Mathias, campeão olímpico de decatlo, melhorou os seus máximos pessoais no lançamento de peso (15,820) e disco (46,850) sem contar com o salto em altura, em que transpôs 1,83.

Todos os críticos espanhóis acharam a arbitragem de Chamartin esplêndida, entendendo pelo contrário ser indesejável a do Jamor. E' bem certo que tudo depende da cor com que se vêem as coisas...

Eduardo Teus, que é ordinariamente uma pessoa sensata, chega a escrever esta espantosa desalegância:

«Levava vários dias sem tomar contacto com o árbitro e juizes de linha. Não tinha outro objectivo essa toma de contacto do que saudá-lo. E não eramos nós quem havia de o fazer. Mas Mowat que, ao que parece, vinha em alegre excursão pelas terras do sol com sua mulher e seu filho, estava sendo muito agasalhado com a proverbial amabilidade portuguesa. Não diremos que necessitava corresponder; mas o certo é que o fez com largueza no campo.

Isto lê-se e não se acredita!

Jean Stock, campeão francês de «médios», parece às portas da decadência. Formidavelmente constituído e abusando dessa qualidade para suprir as deficiências da técnica, está pagando as consequências agora. Ante o suíço Claude Ritter — vencedor do holandês Van Dam — não conseguiu mais que um empate.

Na mesma sessão, o tunisiano Tigrani derrotou por pontos o titular francês de «levisimos», Theo Medina, cujas possibilidades actuais são inferiores às de 1949.

Johnny O' Sullivan, no Albert Hall de Londres, venceu o francês Bonnardel por pontos, em 10 assaltos, por escassa diferença. O' Sullivan é o pretendente oficial ao título europeu de «levisimos».

Em Helaínquia, Ellis Ask derrotou o francês Frank Hermal por decisão do árbitro e Jean Wanès, compatriota de Hermal, foi superior a Sulo Gustavsson conquistando a vitória por pontos.

Na arena de S. Nicolau, o pesado americano, Charles Norkens despachou Art Kennedy por KO ao 1.º assalto. O combate não teve história e acabou aos primeiros golpes trocados.

Estevam Olek e Jo Weidin são os candidatos escolhidos para suceder a Bruce Woodcock como campeão da Europa (todas as categorias).

CICLISMO

A clássica corrida velocípica, Volta à Flandres, coube pela segunda vez ao ikliano Florenzo Magni que derrotou a temível coligação belga num sprint magnífico.

A prova compreendia uma rampa difícil, com 16 e 20 por cento de inclinação num trajecto de quilómetro e meio, denominado o «muro de Grammont».

Magni é o provável sucessor de Fausto Coppi.

BELENENSES ganha nas Salésias



Enquanto Rebelo prepara a triangulação, os homens de Setúbal colocam-se para o corte da jogada



À esquerda — Sidónio apodera-se da bola, um pouco em desequilíbrio; à direita, Pinto de Almeida colhe a bola por alto numa atitude magnífica



O guarda-redes de Setúbal, rodeado dos seus defesas, livra-se de uma situação difícil



Sidónio, a caminho das balizas, encontra na defesa Primo um adversário tenaz



DE REGRESSO DA ALEMANHA

FELICIANO

mostra-se encantado com a viagem e com os resultados obtidos

QUANDO no fim da tarde da última sexta-feira o *Sud* entrou na gare do Rossio uma ovação entusiástica ecoou por toda a estação, naquele momento apinhada de adeptos do Belenenses, aguar-

(Continua na página 15)



Em cima, Feliciano recebe uma oferta do grupo alemão Borussia (2.º jogo); em baixo — Sérgio, Aires Martins, Pama, Figueiredo, Pinto de Almeida, Feliciano, Palma Soeiro e Rocha, em Hamburgo, juntamente com o grande tenor italiano Gigli



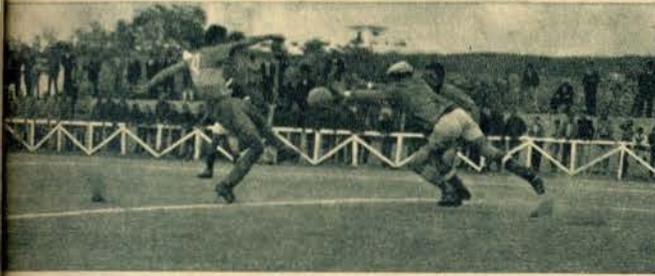
Baptista, guarda-redes do Vitória de Setúbal, sofre dois golos: à es-

BRAGA vence COVILHÃ 3-1

Joga-se na grande área da Covilhã. Em baixo, António José defende e não deixa Sardinha fazer o remate



ELVAS ganha 6-1



Em cima, um remate de Massano; em baixo, uma defesa por alto



Corunha em Vila Real



O Corunha derrotou o Sport Clube Vila Real por 3-0

Macedo carrega com fúria Sebastião, não evitando a defesa



Pacheco Nobre dribla e esgueira-se a Alberto

Atletismo no Porto — Torneio da Primavera

O grupo de concorrentes



SALGUEIROS 2-TIRSENSE 0



Silva, dianteiro do Salgueiros, tenta perfurar a defesa do Tirsense

O empate de OLHÃO



Silva defende, sob o olhar vigilante de António Ferreira



Cerqueira e Silva defendem de um ataque

ACADEMICA - ESTORIL 1-

Continho do leitor

Colher azeite para a sua candeia

Temos muito gosto em que os nossos leitores colaborem connosco, enviando-nos os seus escritos. Os que não forem publicados serão devolvidos a seu tempo. Segue o curioso artigo de «Um leitor» sobre um tema de momento.

URGENTE analisar atentamente as causas determinantes da nossa «crise» desportiva no campo internacional, afirm de que os «homens do desporto» lhe apliquem a terapêutica adequada... se os deixarem. E dizemos assim porque, segundo as razões patentes e debatidas, a «crise» não é de «homens do desporto» mas de «dirigentes do desporto», e são estes e não aqueles que tudo decidem.

As infelizmente jornadas internacionais, de carácter oficial, que acabam de ter lugar; as opiniões dos responsáveis, as mais discordantes com as realidades; as decisões tomadas a cada momento mais conformes com a improvisação do que com a lógica das coisas; tudo isto, e o resto afinal, demonstram que no Olimpo os deuses procuram apenas colher azeite para a sua candeia, a cuja luz difusa dormem tranquilamente, e que, quando têm de acordar para qualquer decisão, ficam agastados, aborrecidos, e resolvem qualquer coisa porque no mundo que julgaram ficar às escuras... não se vê. E quando não têm que por se há muito sol e muito calor, que tudo é claro e todos vêem, colhem mais azeite para a sua candeia e agem de maneira a deixar vislumbrar o seu desconhecimento das realidades, a insegurança da sua acção que, só é constitutiva e útil por ser dos deuses do Olimpo e por resultar em farta colheita para a candeia que os alumia.

Quando no resto, se os resultados não são numericamente favoráveis, enchermos de glória as recortadas e acotadamente nos endereços forrados de cinzentas nuvens, gosando o prazer infâmico de contemplar os louros olorosos. Se nos são desfavoráveis, dizem que «cada vez valemos menos», que vamos «de mal a pior», fingem que estão em desacordo entre si e... recostam-se sonolentamente nos cadeiras olímpicas, à luz difusa da sua candeia sem fornecida por nova e farta colheita de azeite... apesar de tudo...

Mas deixemos os deuses em paz, no seu olímpico torpor, porque — ai de nós, pobres mortais!... — por mais que brademos eles a nada se movem.

Retomemos o nosso caso, absolutamente terreno e que, por uma destas fantásticas derivativas do pensamento, se nos escapou para os deuses no seu nebuloso Olimpo, quando é certo que a fé nem sempre nos salva e os deuses de nada nos valem senão tomarmos nós próprios a iniciativa de salvar a honra do convento.

A verdade é que neste ano de 1950, dos Campeonatos do Mundo de futebol e Hóquei em Patins, e da Europa em Atletismo e Hóquei em Patins, estamos a fazer uma figura que, se não é semelhante à daqueles ursos que antigamente se exibiam pelas feiras e praças públicas, é muito parecida com a daqueles fanteoches que disfarçam as mãos do seu animador, escondido em triangular barraca pelos mesmos lugares públicos, e que levam todo o espectáculo zurrando-se com roufentos diálogos e cacetando-se até ao fim, com gáudio para os neófitos e indiferença para os grandes. Nem nos assemelhamos a ursos, nem somos fanteoches, nem cada vez valemos menos; nem temos complexos de inferioridade. O que temos é «falta de sortes», manifesta e clara pelos simples factos do «homem do desporto» terem os seus devidos lugares ocupados por «dirigentes» que, mau grado a sua boa vontade de acertar, a sua honestidade, o seu querer cumprir, têm os seus lugares trocados com aqueles, remetidos para trás durante papel de ver... coisas com pouco nexo... impotentemente.

Assim, enquanto em Chamartin os onze seleccionados portugueses — que de representantes do nosso futebol tinham apenas o equipamento — eram

batidos por 3-1 por onze seleccionados espanhóis, o 4.º classificado do nosso Campeonato Nacional, o Belemenses — a muitos pontos do favorito — desfilando de Serafim, batia, expressivamente por 4-1 o Corunha, que está a 1 ponto do «leider» espanhol e é um dos favoritos.

Cerca de uma semana depois do nosso 3.º — o Atlético —, desfilado do seu ariete, Ben David, triunfava sobre o mesmo cotado adversário espanhol por 2-0, enquanto no dia imediato a nossa remodelada formação nacional consentia singelamente um empate a 2 pontos no seleccionado espanhol.

No mesmo domingo, em Sevilha, a selecção algarvia — onde Cabrita fez falta — conseguiu um empate a 2 bolas contra a selecção andaluz, resultado excelente se atendermos a que os jogadores algarvios não tiveram a sua falange de apoio nem o seu ambiente, factores normalmente quase indispensáveis nos seus triunfos.

Mais ainda, deixou-se partir o Belemenses para a Alemanha sem Serafim, «preso» à selecção para o desafio de Lisboa, onde não alinhou. A Académica partiu para a Bélgica sem o seu magnífico Pacheco Nobre (já não falamos de Capela, cuja ausência foi justificada pela sua inclusão na equipa do dia 9), igualmente «preso» à selecção para... nem calar as botas. E não se compreende que não tenha alinhado em Lisboa, pois que Jesus Correia provou à pureza não estar na sua boa forma.

A «prição» de Pacheco Nobre, condenado a simples papel de espectador, foi triplamente prejudicial ao nosso desporto, internacionalmente. Primeiro, porque era elemento indispensável na Académica. Segundo, porque faria — estamos disso certos — melhor partido no Jamar do que Jesus Correia. Terceiro porque, neste caso, Jesus Correia ficaria para ir a Montreux, onde a sua ausência se fez notar de tal modo que perdemos este ano a posse definitiva da Taça das Nações.

Embora haja perdido em Hamburgo, o Belemenses conseguiu uma brilhante vitória por 2-1 sobre o Dortmund, campeão da Alemanha ocidental.

A Académica foi menos feliz no torneio da Bélgica, pois perdeu por 3-1 com o Real Sociedad de San Sebastian. Não admira. Além de não estar na sua melhor afinação, faltavam-lhe Capela e Pacheco Nobre.

Adidas estas razões, comprovativas da nossa «crise» — a tese de quantos do desporto dedicam a sua melhor atenção — apelamos para que o bom senso, o método e a clarividência iluminem os responsáveis — não apenas à luz difusa da candeia do Olimpo... — para que, até certo ponto, possamos garantir-nos em futebol com a Inglaterra e a Escócia, e em hóquei em patins no Campeonato do Mundo, sem esquecerem que temos a responsabilidade do título a defender, bem como olhar com o devido carinho a nossa comparticipação nos campeonatos europeus de atletismo, a efectuar na Bélgica.

Quando ao futebol ibérico, confiamos que o Benfica — que tudo indica venha a ser o campeão — saberá tomar a palavra na Taça Latina. Confiamos mais nele do que... no seleccionado nacional...

A propósito de uns mínimos

Atabela de resultados mínimos estabelecida pela Federação Portuguesa de Atletismo para os feitos de selecção para os Campeonatos da Europa foi novamente alvo de crítica pelo técnico redactor do nosso preso camarada «Mundo Desportivo».

Embora respeitemos todas as opiniões e compreendamos o natural anseio de um preparador que ocorre em defeza dos seus pupillos, julgamos indispensável, nestes casos, jogar apenas com a verdade e não apresentar à opinião pública argumentos incompletos ou sofismados.

O autor do comentário em questão peca, mais uma vez, por insuficiência de informações, que a outro motivo não podemos atribuir a sua estranheza sobre o que considera disparidade de critério na indicação dos mínimos para o salto em comprimento e o salto à vara, por exemplo.

O conselho técnico federativo limitou-se a indicar (reduzindo ainda os dos lançamentos) os mesmos mínimos adoptados pela Comissão organizadora dos Campeonatos da Europa para entrada na prova propriamente dita; que dizer, antes do início das tentativas do campeonato, em eliminatória sobre os primeiros três ensaios, são excluídos os concorrentes que não atingirem 7.º15 em comprimento ou 4.ºm com a vara. Se está mal, o sr. Alberto Freitas deve atacar os verdadeiras responsáveis.

Quanto à severidade dos mínimos nas corridas de meio-fundo em relação com os tempos recordes portugueses, não se trata de rigor dos técnicos, mas sim de carência de classe internacional por parte dos melhores corredores nacionais.

Para concluir este esclarecimento, saiba-se que a Tabela de mínimos estabelecida não é exclusiva, pois no caso de nenhum atleta se classificar dentro dos seus limites, está determinado que a Federação indicará os dois ou três homens de maior mérito, os quais irão à Bélgica representar o país. — S. C.

O homem preciso no lugar devido

O desporto português conta nos seus fileiras um atleta de classe excepcional e que, pelos dotes com que a natureza generosamente o brindou, brilha em realce nas modalidades que cultiva. Referimo-nos a Jesus Correia, internacional em futebol, campeão do Mundo em hóquei sobre patins de rodas, o desportista cuja colaboração era para efeitos de importantes representações internacionais, simultaneamente solicitado por ambas as modalidades. Não será opinião particularista afirmar que, elemento valioso nos dois casos, Correia é insubstituível no hóquei ao passo que no futebol é bom entre os melhores. Queremos dizer: a sua ausência na representação nacional de hóquei patinado diminui-lhe consideravelmente a eficiência, enquanto que a sua inclusão na equipa dos futebolistas poderia talvez ser dispensada sem grande prejuízo porque dispomos de outro ou outros jogadores de valor aproximado.

No espírito dos portugueses apaixonados pelo desporto, que são quase todos neste caso, ficou a impressão de que a presença de Jesus Correia em Montreux teria possivelmente contribuído para que nos não fúgisse a Taça das Nações. Foi, porém, preferida a sua inclusão no grupo de futebol e, considerando a importância relativa das duas competições em jogo, a ninguém extranhou que a opção fosse em favor daquela de maior categoria.

Por força do destino, o mesmo dilema agora voltará a apresentar-se dentro de semanas: Jesus Correia será necessário ao desporto do seu país no Campeonato Mundial de hóquei e nos encontros de futebol com a Inglaterra e a Escócia. Mas, então, os argumentos de preferência são inversos e toda a opinião pública espera que os dirigentes responsáveis pela escolha dos onze futebolistas tenham visto além do seu próprio horizonte e ponderem o verdadeiro interesse de Portugal, que exige a presença de Jesus Correia na Itália.

Condições de assinatura
Pagamento adiantado

Custo por número	25\$0
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

ARCADIA DANCING
DE LUXO

VARIADADES às 0,15 e 2,15

Apresenta a atracção internacional
MARIO GIL
FAMOSO CANTOR MEXICANO

Hermanas Goyecas — Mary-Mely — Luisa Royo — Zoraida
— Hermanas Baron — Hermanas Avila
— Olga Mendoza — Mary Arilla

Éxitos consecutivos **CARMEN y MARCOS** Jovem parelha de baile

Orquestra **MELODY BOY'S e ARCADIA**

O BELENENSES NA ALEMANHA

(Continuação da página 12)

dando a chegada dos jogadores que haviam feito uma digressão por terras alemãs.

O Belenenses na Alemanha — em Hamburgo, em Dortmund e em Essen — firmara posição de relevo.

Com dificuldade se podiam ouvir os jogadores e dirigentes acerca da viagem e dos jogos. Feliciano fora arrancado pela multidão e levado para o largo da estação, mal podendo agradecer as flores que um grupo de simpáticas belenenses lhe ofereceu.

— Bela recepção, Feliciano!

— É verdade. Julgo ter sido das mais entusiásticas numa chegada do Belenenses.

— Impressões da viagem?

— Muito boas. Fizemos uma esplêndida digressão e afirmamos a importância do futebol português.

— Mas o primeiro jogo foi uma derrota...

— Ninguém faria melhor do que nós, após duas noites perdidas em viagem e com cerca de 70 horas de comboio.

Depois desse jogo com o Hamburgo Sper Verein, o ambiente a nosso respeito esfriou um pouco, se bem que tecnicamente tivéssemos ainda podido demonstrar o nosso valor...

Após este encontro percorremos 700 quilómetros para Dortmund onde jogaríamos com o Borussia. Vencemos então por 2-1, desfazendo assim a má impressão do começo. No banquete da véspera afirmava-se que seríamos vencidos com facilidade. O segundo jogo, porém, foi muito bom.

Estivemos bem, fomos até além das nossas possibilidades. Foi daqueles jogos em que tudo sai com facilidade.

No final recebemos uma grande ovação e o público dizia, satisfeito, que tinha visto em jogo a tão apregoada garra portuguesa.

— Tiveram mais convites para jogar?

— Muitos, e ganhámos popularidade e simpatia.

— O último encontro?

— Foi em Essen com o Reyd. Empatamos, depois de atingirmos o intervalo com 1-0. O mau tempo prejudicou este encontro e nós sentimos bem os efeitos da neve que caíra sobre o campo.

— O futebol alemão?

— É do tipo do futebol inglês. São rijos, mas não passam disso. Bons jogadores, não há dúvida, executam bem, mas são lentos.

— A lesão de Sério?

— Foi um desastre que a todos penalizou. Deu-se no último jogo, quando se lançou aos pés de um avançado que surgira de repente. Na Alemanha gostaram do nosso guarda-redes fazendo-lhe referências elogiosas.

E Feliciano dá-nos a sua opinião a propósito:

— Sério, tal como está a jogar, sem desprimor para o jovem Caetano, bem poderá ocupar o posto de guarda-redes nacional.

— Gostaram, portanto, desta viagem à Alemanha?

— Decerto. Fizemos boa propaganda do nosso futebol e deixámos muita popularidade para o Belenenses. Mas tenho a impressão de que a equipa se vai ressentir destes jogos.

— Tiveram conhecimento do resultado com a Espanha?

— Só na terça-feira e de princípio davam-nos o resultado de 2-1 para Portugal. Foi pena que assim não fosse, pelo resultado e porque esperaríamos pela equipa nacional em Paris.

— Teve pena de não alinhar contra a Espanha?

Feliciano pensa um pouco na resposta e diz-nos sêcamente:

— Lastimo que não haja justiça e o Serafim também deve pensar da mesma maneira...

— Quer dizer que se sente em forma?

— Até melhor do que quando me consideravam «bom jogadores».

— E que pensa do Belenenses actual?

— Estamos bem preparados. Não fosse isso e não aguentaríamos estes jogos na Alemanha e da forma como tiveram de ser efectuados. Digo-lhe que para o ano o Belenenses dará que falar...

FERNANDO SÁ

O VITORIA NA MADEIRA

(Continuação da página 4)

E explica-nos:

Apesar da fadiga da viagem triunfámos no primeiro jogo. Contra o Marítimo, porém, tivemos pena de não ter obtido ao menos uma vitória.

— Qual a melhor equipa madeirense?

— Sem dúvida alguma, a do Marítimo que na ilha detem po-

derio absoluto. Desportivamente, claro.

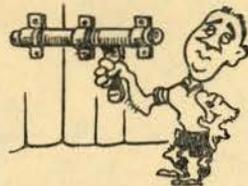
— E sobre jogadores?

— O trio central de ataque dos campeões da Madeira, especialmente, é constituído por bons jogadores, rápidos e ligados, dispendo de remate pronto e eficaz.

Com um aperto de mão despedimo-nos do apreciado futebolista setubalense, que ainda nos disse, sorridente e expansivo, desejar voltar à Madeira.

J. D.

Quem inventou a táctica do “ferrolho?”



TUDO isto vem a propósito dos vários sistemas empregados pelas equipas de futebol. Tem-se falado muito em W. M., jogo dos pares, etc., mas a tática do ferrolho parece-nos ser ainda um pouco desconhecida entre nós.

Na nação vizinha foi Ramon Encinas quem surpreendeu os aficionados espanhóis com a tática empregada na equipa do Sevilha, e especialmente quando esta se deslocava. Consistia esta tática em situar o médio-centro em plano de ataque e colocar quatro defesas: os dois laterais ao centro e os médios-alas nos extremos.

Este sistema denominado ferrolho, suscitou numerosos comentários em Espanha. Mas outros países reivindicam para si a invenção.

Segundo algumas fontes, foi o austriaco Karl Rappen, treinador na Suíça, o seu inventor; segundo outras, foi também um austriaco, Ossi Muller, o patrono da ideia. O mais interessante de tudo isto é que os brasileiros adoptam já há longos anos este sistema que, na linguagem dos nossos irmãos alé-atlântico, se chama simplesmente «médio-ferrolho...»

A ACADÉMICA NA BÉLGICA

(Continuação da página central)

caprichosos lances de ataque que o conhecedor e inteligente público belga aplaudiu frequentemente.

Os espanhóis causaram funda impressão, no jogo da final, contra o mixto Racing-Union de St. Gilloise e a Real Sociedad jogou como nas suas grandes tardes, desbobinando um jogo cheio de poder, animado por uma força irresistível, que levou de vencida os belgas, a chuva, o frio e um vento terrível...

Os donastiaras ganharam o torneio (Torneio da Páscoa de Bruxelas) com 2 vitórias e 5 bolas a 1. Em segundo lugar classificou-se o Racing-St. Gilloise, com 1 v. e 1 d. e 3-4; em terceiro, o Anderlecht, 1 v. e 1 d. e 9-4; em quarto, a Académica, 2 d. e 2-10.

A vitória do Racing-St. Gilloise sobre o Anderlecht fez cair das nuvens os bruxelenses, mas foi justíssima. Eles próprios a reconheceram, aceitaram e aplaudiram...

Os estudantes viajaram de avião. Foi a primeira vez que a equipa utilizou este meio de transporte. Viagem excelente, com saída do Porto e escala por Bordeus. O regresso não teve o mesmo encanto. O tempo enevoadado, através de quase todo o percurso, sem oferecer visibilidade.

Em Bruxelas, os dirigentes do Anderlecht receberam a equipa académica com muitas provas de deferência, mas falta às suas recepções o calor que nós, meridionais, a elas transmitimos.

Os jogadores envergaram sempre a capa e batina. O traje provocou curiosidade, quer nas ruas, quer à entrada em campo.

Arbitra-se muito bem na Bélgica. Com uma isenção absoluta e um conhecimento perfeito das leis.

O jogo belga, além de muito valioso sob o ponto de vista técnico, é de uma correcção extrema.

Os jogadores mais em evidência nas quatro equipas foram: Real Sociedad: o defesa Murillo, o interior Epi e os extremos Besabe, Arguiñano e Perez. Racing-St. Gilloise: Caulers e Dirix.

Anderlecht: Mermans e Vailant.

Académica: Bentes, Branco, Azeredo, Castela, Curado e Pinho.

Tito, inseguro; Braz, melhor do que Diogo; Melo e Garçon, extremos em demasia discretos; trio central dianteiro sem fulgor.

ADRIANO PEIXOTO

O crítico desportivo espanhol Pedro Escartin, que costuma ser muito amável para os portugueses, a seguir ao encontro de Chamartin, manifestou da seguinte maneira a sua opinião:

— Os portugueses jogaram como se esperava.

O menos que o crítico, agora, após a partida do Jâmôr, poderá afirmar é que os portugueses jogaram como não se esperava...

Almanaque Desportivo do Distrito de Aveiro

Editado pelos srs. João Sarabando, dr. M. da Costa e Melo, e Vergílio Veiga, saiu agora o «Almanaque Desportivo do Distrito de Aveiro», uma das mais interessantes publicações do género, feito com assinalado bom gosto, e em cujas páginas perpassa toda a vida desportiva do distrito. Muitas gravuras e excelente colaboração.

Assinem a "Stadium"

Prova Ciclista de 120 Kms. para Independentes



em plena estrada — um aspecto da corrida



Joaquim Apolo, do Louletano, corta o fio da chegada

Campeonato de Lisboa de "rugby"



Uma fase animada do encontro Benfica-Sporting que terminou empatado 0-0



Benfica 1 — Vitória de Setúbal 0
—No campeonato nacional de Juniores, Alcobia remata de cabeça

FUTEBOL



No oval: Um argentino entrega uma das seis bolas oferecidas pela Senhora de Peron ao Barreirense, na festa do aniversário do clube. Em baixo: Os grupos de futebol do Benfica e Barreirense que participaram na festa

HOQUEI EM CAMPO



Futebol Benfica 1 — Benfica 0 — Uma fase do encontro disputado para o Campeonato de Lisboa

OPERAÇÃO A UM DESPORTISTA



Rola, jogador do Sporting vindo de Estorreja, não foi feliz, por um lado, na sua transferência. Se se impôs como jogador, logo na primeira época em Lisboa, teve de ser submetido a uma operação ao menisco, que, felizmente, a cargo do sr. dr. José Paredes, resultou de uma cura. *— Bom homem!*

Homenagem a AUGUSTO SILVA



Augusto Silva, o conhecido treinador português, deixou o Futebol Clube do Porto. Na sua curta estadia na capital do Norte, Augusto Silva grangeou muitas simpatias e o respeito de todos, como ficou definitivamente expresso no banquete de homenagem que, à partida lhe foi oferecido.